O HOMEM DE QUEM SE FALA

PELA MÃO DE ARISTÓTELES E SEGUINDO UMA GEOMETRIA MÁGICA,

ALMADA NEGREIROS «REINVENTOU» A PINTURA

A quarenta anos que Almada Negreiros vem pregando sustos e provocando inesperadas surpresas ao tradicionalmente calmo ambiente artístico português. Aos sessenta e quatro anos, não é homem para interromper uma caminhada plena de ineditismo e de uma lógica muito especial a qual fez dele uma das primeiras figuras da arte nacional.

Uma assistência, rara em manifestações deste género, reuniu-se um dia destes na grande sala da Sociedade Nacional de Belas-Artes, para ouvir o pintor falar, a pedido de um grupo de estudantes universitários, sobre obras que exibia no certame organizado pela Fundação Gulbenkian. Almada não se limitou a explicar os quatro pequenos quadros que levaram o júri a conferir-lhe um muito justo prémio «hors-concours», foi mais longe: resumiu os seus estudos de quarenta anos e explicou como através deles conseguira chegar à descoberta das posições relativas dos painéis do presumível Nuno Gonçalves da Igreja de S. Vicente.

ves da Igreja de S. Vice
Se, como diz Elie Faure,
Masaccio «inventou» a pintura, a verdade é que Almada Negreiros acaba de a
«reinventar», pela mão de
Aristóteles e por meio de
uma geometria mágica que,
afirma o pintor, nunca viu
reproduzida mas deve ter
existido em qualquer parte
e em qualquer tempo. O espanto do público, habituado a um Almada que considera apenas como autor
de uns atrevidos ariequins
que nos anos vinte figuravam em todas as revistas,
foi geral, Ouviram-se algum as palmas entusiásticas,
outoras de pura boa educação, enquanto os restantes
assistentes se mamtiveram
em profundo silêncio. Como
se vê, Almada não deixou
aimda de ser a mesma fonte de escândalo e de espanto.
O artista nasceu em 1893.

te de escândalo e de espanto.

O artista nasceu em 1893, num século do qual está mais afastado do que alfa de cemega. Com Sa-Carneiro, Fernando Pessoa, com os pintores Santa Rita, Sousa Cardoso, Armando Bastos, etc., foi o homem das primeiras l'enhas do combade do futurismo português. A mensagem dos Braque, dos Picasso, dos Matisse, em breve chegou a Portugal pelas suas mãos. Os futuristas lançaram Almada para a a primeira linha de fogo. A figura de Sá-Carneiro era um tanto ridicula; Fernando Pessoa demasiado tímido; Santa Rita excessivamente preguiçoso. Almada era um homem que aparecia em todo o lado, que tocava todas as teclas, o mais jovem, o mais conveniente para enfrentar o burguesismo tradicionalista. Fazia poemas, narrativa, teatro, e pintava; pintava em primeiro lugar. Chegou mesmo a ser bailarimo. Escrevia e enviava desenhos para o «Portugal Futurista», para o «Or-

pheu», para a «Contemporanea», todos, como é hábito em Portugal, de efémera duração Mais tarde, também ele próprio fundou, dirigiu e escreveu, quase inteiramente, a sua própria revista, «SW. Sudoeste», igualmente de curta duração.

Lisboa viu, até hoje, seis exposições individuais suas, a primeira em 1912. (um ano apenas após o nascimento do Cu bi sm o, em França), e a última em 1952. No estramgeiro, individualmente, só expôs em Madrid, em 1928. No entanto, a capital portuguesa conhece algumas das suas obras mais representativas, os grandes murais das gares martimas de Alcântara e da Rocha do Conde de Obidos, e obras menores que decoram cinemas, cafés e outros estabe lecimentos públicos.

Até ao final da última

Até ao final da última guerra, os processos de Almada mantiveram-se sensivelmente, dentro da mesma linha, Dizia-se já que o pintor estava ultrapassado, que envelhecera. Simplesmente, 6, de facto, por essa altura

(Continua na pág. 14)



Almada Negreiros proferindo uma conferência

O QUE OS JORNAIS NÃO DISSERAM

Romano Mussolini, filho do duce, estreou-se na TV amerograma intitulado «Século XX», Mussolini Júnior fala da sua actividade como pianista de «jazz» è evoca, também, a figura de seu pai,

Nos Millandes, onde continua a educar nove crianças de raça diferente, que adoptou, Josephine Baker acaba de contratar uma ama que fala esperanto.



A EX-BAILARINA

- A ex-bailarina das «Midright-Follies», sr. Do rothy Campbell, tornou-se vedeta do célebre processo das «fugas», em que estão implicados grandes nomes da política, da finança e do jornalismo de Londres. A deoisão governamental de elevar a taxa de desconto foi revelada, permitindo lucros substanciais a especuladores bem colocados. Sabe-se agora que, na véspera, a sr. Campbell anunciara essa medida financeira durante um «cocktail».
- As companhias de seguros de vida consideram as mais perigosas as seguintes profissões: pilotos de ensaio, acrobatas, escafandristas, corredores automobilistas e guias de alta montanha.



O LADO CÓMICO

— Se é muito dificil encontrar uma criada, ainda é mais dificil conservá-la...

- O campeão ciclista suíco Ferdi Kubler adquiriu uma loja de flores em Zurique.
- está em estudo a criação de vários institutos universitários na Argélia. Prevêem-se um instituto de estudos nucleares e outro de geologia sahariana e uma faculdade de direito econômico.
- A princesa Beatriz da Holanda, que vai completar 20 anos, visitará em breve as Antilhas neerlandesas e a Guiana. Para preparar esta viagem, a princesa já dirigiu, pela rádio, uma mensagem aos povos daqueles territórios.
- Depois da revolta dos mau-mau, aumentou consideràvelmente o turismo no Quénia e no Tanganica.
- e Hollywood parece que descobriu um «novo James Dean». Trata-se de Ives Bryan, de 21 anos, que se parece com o actor desaparecido e prestou, ao que se diz, notáveis provas de ensaio. O seu primeiro filme aparecerá na Primavera.
- Mil operários japoneses vão trabalhar nas minas carboníferas do Ruhr.



A PRINCESA VAI VIAJAR

- 6 Um estivador de Valparaiso tem tatuada no corpo a história completa de Robinson Crusoé, isto é, setecentas imagens correspondentes a vinte milhões de picaduras,
- Charles Trenet vai despedir-se do «music-hall» para se dedicar à pintura. Só deve reaparecer em 1961.
- A marinha soviética pôs à disposição das forças navais da Alemanha Oriental quatro submarinos M-2 de 256 toneladas.



«MAS QUE ESCÂNDALO!», no Avenida.

Como será que se chama esta peça fantasista? Entremez? Comédia? Drama? Sainete? Farça? Revista?

Será, sem que se presuma, uma partida de Entrudo? Enfim, poderá ser tudo porque não é coisa alguma.

Ignoro porque disfarça passa a acção entre estrangeiros. Também podia passar-se na Rua dos Sapateiros.

Enfim o riso faúlha. Vão lá ver, que até faz dó, sete mulheres à bulha por causa de um homem só.

(OS BEBÉS), no Monumental.

A Mentira e o Ciúme, como é seu velho costume, puseram-se ambos de acordo para irem, no Natal, levar ao Monumental e à Laura Alves «el Gordo».

Não faltam complicações, sustos, surpresas, questões, imprevistos e sarilhos; e os dois casais deste enredo, um fica cheio de medo, o outro cheio de filhos.

Já no tempo do Ginásio antes mesmo do Gervásio, assim se fazia rir, gastava-se pouco em festas, mas hoje pílulas destas custam mais a engolir.

O POETA CALDAS

LEIAM às quartas-feiras «MODAS & BORDADOS»

COMO VERÁ A TERRA E O ESPECTÁ CELESTE O HOMEM QUE CHEGAR

UANDO o astronauta chegar à Lua, há-de, certamente, olhar para o infinito com uma perturbadora sensação, mistó de assombrosas inquietações e deslumbramentos, contemplando a Terra com espanto e, apesar de tudo, com saudade, talvez sem esperanças de voltar

de, talvez sem esperanças de voltar.

Não falemos das condições do ambiente nas paragens lunares, sem atmosfera e sem água, onde tudo permanece num mutismo e numa impassibilidade inalteráveis, onde um dia ou uma noite duram quase tanto como quinze dos nossos, com variantes de temperatura que devem oscilar entre cerca de 180º positivos e negativos.

Não falemos, também, da estranha e impressionante paisagem, onde se erguem montanhas colossais e se aprofundam abismos insondáveis no meio dos «mares», que são desertos arenosos, nem tão-pouco dos *lunarianos ou selentias-su-bvolves, aqueles que habitam o hemisfério sempre visível do nosso planeta, ou os *privolves* (privados da Terra), os que vivem do outro lado — assim chamados pelo grande Kepler, por supor que os selenitas dão à Terra o nome de Volva (a *girante). Não falemos nesses entes imaginários, por ser isso muito arriscado, mas apenas na fantástica realidade que o homem poderá contemplar lá das silenciosas e enigmáticas paragens lunares ante o maravilhoso espectáculo do Céu.

Não variará em nada o aspecto dos astros luzindo no espaço, a não ser que todos eles se ostentem com muito mais fulgor, pois para se tornar sensível a sua disposição aparente seria preciso alcançar inconcebiveis distâncias astronómicas; e não ficar nos últimos planetas do nosso sistema, mas afastarmos-nos para uma lonjura pelo menos igual à que nos separa das estrelas devem ver-se na mesma disposição em que nós as vemos daqui. A mudança só se daria quando mudássemos de uma estrela para outra».

Assim, o espectáculo do firmamento em nada se altera quanto ao aspecto dos astros, além de que, qualquer porto da Lua e a qualquer hora, se distinguem as estrelas, movendo-se de Oriente para Ocidente. E, como tudo ali é lento, se o homem da Terra escalar a gigantesca e imponente montanha de Aristilo, situada a Coste do mar das Chuvas poderá contemplar ainda o Sol, dez minutos depois do seu conse

nutos depois do seu ocaso, ao mes-

mo tempo que, do cimo do Clavius, montanha anular, de 7.091 metros de altura e 227.129 de largura, verá a planície adormecer, quase imperceptivelmente, enquanto por cima resplandece uma luz fascinante.

Na superfície lunar, por falta de atmosfera e da consequente inexistência de vapores, da qual resulta a ausência de perspectivas e coloridos, apenas se vê a mesma uniformidade de tons a negro e branco, conforme os objectos esestejam ao Sol ou à sombra, prolongando-se pelo horizonte, sem que percam o brilho ou se lhes diluam os contornos.

O céu — verdadeiramente para o observador colocado nas desoladas paragens lunares não há céu como os olhos o vêm da Terra, azul, luminose, acetinado, transparente, nos dias de Sol, com o estranho efeito das cavalgadas de da treva, um eterno abismo negro, por efeito da carência de ar e do translúcido véu atmosférico que produz a fascinante visão das auroras, dos poentes e de todos os fenómenos espectaculares no firmamento sobre o Globo terrestre.

Essa negra e insondável ampli-

firmamento sobre o Globo terrestre.

Essa negra e insondável amplidão oferecerá, contudo, ao homem da Terra o mais deslumbrante espectáculo que a apoteose das maravilhas celestes lhe poderia proporcionar. De dia ou de noite, refulgem intensamente nessa escuridão luminosa miriades de estreales, vêem-se os planetas, os cometas e todos os astros do nosso Universo. E, como o Sol passa diante deles sem os ofuscar, e nem sequer diminuir o brilho das estrelas de segunda grandeza, poderá contemplar sempre os astros magnificos no seu calmo esplendor.

Entre todos eles, há um que se mantém eternamente suspenso no perpétuo negrume, fazendo empalidecer esses luzeiros fantasmagóricos e afigurando-se ao olhos assombrados do ousado viajante doze ou treze vezes maior do que o proprio Sol. Tal como ele via a Lua da Terra, assim o seu antigo Mundo lhe apresentará diversas fases, desde o delgado minguante à plenitude do crescente, em todo o seu esplendor, a iluminar a serena paisagem com uma radiante claridade. Surge à tarde, brilha da máxima fulguração à meia-noite e apaga-se de manhá, como um clarão que se acende para tornar mais empolgante o sortilégio dessas noites misteriosas, cuja duração equivale a quinze vezes vinte e quatro horas.

E assim que o astronauta verá

a Terra pairando sempre no meio do céu profusamente estrelado, suspensa no seu zénite, como enormes globo colorido (pelo fenómeno da retentiva no subconsciente das imagens e dos efeitos cromáticos). Logo descortinará, em nitidos recortes, os mares e os continentes — e procurará fixar, com intima e alvoroçada comoção, o vago ponto onde fica a sua terra natal, as paragens conhecidas, os países que visitou, os lugares das doces e amargas ilusões, o sitio exacto de onde partiu para a aventura sem fim. tura sem fim.

Observando atentamente, e m pormenor, a marcha do planeta, este oferecer-lhe-á, na primeira impressão, uma cor esverdeada, por motivo da enorme massa líquida dos oceanos, das florestas e dos campos; e aparecerão, depois, de quando em quando, amplas manchas cinzentas ou amarelas, em caprichosos recortes, que correspondem aos continentes.

chas cinzentas ou amareas, em caprichosos recortes, que correspondem aos continentes.

A Oriente da grande esfera, surge o relevo de altas montanhas e, do lado oposto, desdobra-se, durante algumas horas, vasta mancha escura que é o oceano Facifico. Duas nódoas pardas, quase fundidas numa única muito alongada, são as ilhas da Nova Zelândia; depois, a policomia do continente australiano e o rendilhado das acidentadas ilhas da Nova Guiné, Bornéo, Java e Filipinas. A imensa Ásia, prolongada extensão cincenta, liga-se às alvas planuras do Pólo, enquanto a África é cortada pela faixa do deserto arenoso, e ao Norte desse mar de areia, o Sahará, aparece uma pequena mancha verde, da qual partem, em todos os sentidos, inúmeras e complicadas ramificações — o Mediterrâneo. Girando sempre e derramando a sua luz argentina reflectida pelo Sol, a Terra mostralle, ainda, outro aspecto diferente, pois ocultam-se as terras para se ostentar, de novo, o Atlântico, vastidão escura, que alastra e reflecte intensa claridade — e tudo isto se repete, num movimento invariável, apresentando cada região, no seu aspecto particular, um ponto de referência a assinalar que o tempo se vai escoando na eternidade e com ele as ambições, os sonhos, as dores e alegrias na Terra, de onde o viajante partiu, um dia, para esse mundo eilencioso cheio de desolação e desesperada quietude, do qual talvez não volte jamais para contar aquito mais assombroso e empolgante do que ja vira na imaginação — muito mais assombroso e empolgante do que na fantasia dos poetas e na maravilhosa realidade do universo da ciência. tas e na maravilhosa realidade do universo da ciência.

O HOMEM DE QUEM SE FALA

(Continuado da pág. 5)

que Almada Negreiros dá uma passada mais larga na sua caminhada e alcança os mais jovens nas suas expe-riências abstractas.

riéncias abstractas.

Por outro lado, a sus obra literária, que o grande público também considera hermética, também se arrisca a vir a figurar na futura história da literatura postura portuguesa. Pelo menos o seu romance «Nome de Guerra», que, a par da «Engomadeira», e da «Invenção do Dia Claro», são os seus mais válidos trabalhos em prosa e em verso. Resta expor o conteúdo da «reinvenção» da pintura que acaba de fazer e que o

conduziu à descoberta—podem, talvez, chamar-lhe uma descoberta particular, a acrescentar a tantas outras que no mesmo campo foram feitas—do mistério dos paineis de Numo Goncalves. Habitualmente, explica Almada Negreiros, as tentativas de reunião dos vários paineis têm sido feitas pelo processo de triangulação, Ora, a triangulação é um processo de decomposição. A inversa obtém-se a pe n a s pela quadrangulação, Assim, o pintor, pondo de lado o «quadrado perfeito» da Renascença (a pois este implica, Matemática e antes da Matemática existe a Geometria), criou a sua própria

geometria, toda ela baseada na relação 9/10 (a noma
e a décima partes do circulo que circunscreve o quadrado), que implicam todos
os temas das suas últimas
pinturas de caracter abstracto. O mesmo processo
conduziu-o a uma nova teoria sobre as posições relativas dos painéis de Numo
Gonçalves que contradiz a
maioria das amteriores investigações.

No último ano, Almada
deu o seu contributo para
a representação portugues;
no «Comptoir de Lausanne»: uma grande tapeçaria
sobre o mundo português,
que nada acrescenta de especial aos seus muntos titulos, No entanto, a sua cola-

boração neste certame teve um outro interesse. Pretendia-se encontrar um motia-vo que simbolizasse exactamente a expansão lusitana pelos cinco continentes. Foi Almada quem veto a encontrar esse simbolo numa quase oculta columa dos Jerónimos. As habituais cordas entrançadas do emanuelimo tinham ali sido substituídas, segundo Almada, por uma amaigama de permas de brancos, de negros e de asiáticos, numa reunião que explicava a política da fusão de raças, proposta por Afonso de Albuquerque na India, e que os portugueses seguiram em todos os outros continentes.

A columa dos Jerónimos foi copiada pelo escultor Jorge Vieira, — outro premiado na Exposição Gulbenkiam — e serviu de ponto central para a tapeçaria

benkian — e serviu de pon-to central para a tapeçaria

de Almada, e ainda foi reproduzida no cartaz anunciado do «Comptoir».

Eram deste género as surpresas que Almada, Negreiros costunava oferecer ao seu público nos tempos en que fazia conferências em fato de macaco ou em pijama, perante um público encasacado, e que se julgava já terem passado de moda. Com a sua geometría má gi ca. Almada, eternamente jovem e conservando no olhar a mesma vivacidade de sempre, velo trazer uma surpresa de carácter diverso: a revelação de quarenta anos de trabalho isolado, junho das sombras de Artistóteles, Pindaro e mão sabemos que outros clássicos, para atingir a pureza máxima da sua arte. Uma pintura que nada conta e nada figura e que é, apenas, pintura,